

## Plano Instituído CentrusPrev+ - CP+

### Gestão dos recursos - Dezembro de 2020

#### Rentabilidade - %

Discriminação	2020			
	out	nov	dez	Período <sup>1/</sup>
<b>Centrus Prev+ <sup>2/</sup></b>	<b>-0,76</b>	<b>4,18</b>	<b>3,39</b>	<b>2,42</b>
Índice de Referência (IPCA + 4,5%)	1,23	1,26	1,72	7,41
<b>Renda Fixa</b>	<b>-0,32</b>	<b>0,68</b>	<b>2,08</b>	<b>1,06</b>
TPF para negociação	-1,42	0,92	4,44	-0,99
FIRF	0,15	0,14	0,21	1,15
Fundos de Crédito Privado	0,11	1,37	2,37	3,34
<b>Renda Variável</b>	<b>-1,64</b>	<b>15,76</b>	<b>9,07</b>	<b>17,45</b>
<b>Estruturado</b>	-	-	<b>0,65</b>	<b>0,65</b>
<b>Exterior</b>	<b>-0,52</b>	<b>3,62</b>	<b>-0,16</b>	<b>0,98</b>
<b>Indicadores</b>				
Poupança	0,12	0,12	0,12	0,90
DI	0,16	0,15	0,16	1,20
Ibovespa	-0,69	15,90	9,30	36,18
IPCA	0,86	0,89	1,35	4,69

1/ dados a partir de junho/2020

2/ rentabilidade líquida, já descontada a taxa de administração

O Plano Instituído CentrusPrev+ - CP+, cujas atividades se iniciaram em junho de 2020, finalizou o ano com patrimônio de R\$ 3,1 milhões e 229 participantes. Em dezembro, a rentabilidade líquida do Plano atingiu 3,39%, superando novamente com relativa margem a evolução do índice de referência no mês (1,72%). Entretanto, ao considerar o período de junho até dezembro, o que compreende o período de estruturação da carteira de investimentos do Plano, a rentabilidade ficou aquém do índice de referência.

Observe-se que, a alocação estratégica do Plano teve início somente em setembro, após um período inicial de testes, com ganho de escala dos recursos desde então. Em dezembro, com o início das operações do fundo exclusivo Centrus Órion FICFIM, foi possível acessar também o segmento estruturado, no âmbito da estratégia de diversificação de riscos. O segmento de renda variável e os títulos públicos para negociação foram destaque no mês, com rentabilidade de 9,07% e 4,44%, respectivamente.

#### Conjuntura

O último mês de 2020 manteve a tendência de aumento de apetite ao risco, impulsionado pela autorização para uso emergencial de vacinas para o novo coronavírus nos Estados Unidos e na Europa e pela aprovação de novo pacote de estímulos fiscais na economia americana. Apesar do início de campanhas de vacinação ao redor do globo, a descoberta de nova cepa do vírus, mais transmissível, motivou a adoção de medidas de distanciamento social no Reino Unido e o fechamento de fronteiras por parte de outras nações, representando risco para a velocidade de retomada da atividade econômica global. Por sua vez, a aprovação pelo Congresso americano de novo pacote de estímulos fiscais configurou suporte à renda das famílias e ao consumo no curto prazo, *vis-à-vis* a situação da pandemia no país. Não obstante, não é claro se esse pacote será complementado com novos estímulos no futuro. Por fim, na China, a pandemia aparenta estar sob controle, não havendo impactos de uma segunda onda na atividade econômica do país oriental, que vem se recuperando de maneira ágil, impulsionando o preço de *commodities* e contribuindo para o ambiente de dólar fraco.

No Brasil, os ativos de risco seguiram a mesma linha do cenário internacional, com valorizações relevantes nos segmentos de renda fixa e renda variável, a despeito do agravamento da pandemia e da morosidade do programa de vacinação em relação a outros países. No âmbito monetário, o Copom manteve a taxa Selic em 2,0% a.a., reforçando o diagnóstico de que as pressões inflacionárias de curto-prazo, causadas por fatores como a desvalorização cambial e o aumento das *commodities*, são temporárias. Por fim, do ponto de vista fiscal, apesar da falta de evolução nas principais pautas econômicas, a não renovação do estado de calamidade e o fim do auxílio emergencial representaram alívio para as contas públicas. Por outro lado, esses fatores dificultam a retomada da atividade econômica no início do ano.